

ENTRE ASPECTO E NEGAÇÃO: A HETEROSSEMIA DE [DEIXAR+DE+V_{inf.}]

BETWEEN ASPECT AND NEGATION: THE HETEROSEMY OF [DEIXAR+DE+V_{inf.}]

José Roberto Prezotto Júnior*
prezotto.jr@unesp.br

Sebastião Carlos Leite Gonçalves**
sebastiao.goncalves@unesp.br

Fundamentados nas premissas teórico-metodológicas dos *Modelos Baseados no Uso* (Bybee 2016; Goldberg 1995, 2006; Traugott & Trousdale 2013), analisamos, neste artigo, a microconstrução [deixar+de+V_{inf.}] dos domínios semânticos de aspecto e de polaridade. Por estarem ligadas, via elo de heterossemia (Lichtenberk 1991), em diferentes redes taxionômicas do português, mostramos que essas microconstruções se originam da construção transitiva com o verbo *deixar*, cujo significado central é o de *afastamento*. Descrevemos as singularidades das microconstruções por meio de análise diacrônica, quantitativa e qualitativa, dos parâmetros *tipo de entidade semântica representada pelo sujeito da microconstrução* e *tipo semântico de V_{inf.}*, tendo por base dados extraídos do *Corpus do Português* (Davis & Ferreira 2006, 2016). Os resultados nos permitem comprovar, ao final, a hipótese de que essas microconstruções surgem via relações com outras já existentes e se abstratizam gradativamente, ao sancionarem uma maior variedade de tipos semânticos de sujeito e de V_{inf.}.

Palavras-chave: Perífrase. Aspectualidade. Polaridade. Heterossemia.

Founded on the theoretical and methodological premises of the *Usage-Based Models* (Bybee 2016; Goldberg 1995, 2006; Traugott & Trousdale 2013), in this paper, we analyze the micro-construction [deixar+de+V_{inf.}] from the semantic domains of aspect and polarity. Since they are linked, by a heterosemy link (Lichtenberk 1991), in different taxonomic networks of Portuguese, we demonstrate that these micro-constructions originate from the transitive construction with the verb *deixar*, whose central meaning is *distancing*. Based on data extracted from the *Corpus do Português* (Davis & Ferreira 2006, 2016), we describe the singularities of the micro-constructions through a diachronic quantitative and qualitative analysis of parameters *semantic entity type represented by the subject of the micro-construction* and *semantic type of V_{inf.}*. At the end, the results allow us to prove the hypothesis that these micro-constructions emerge from relations with other ones already existing and they gradually abstract sanctioning a greater variety of semantic subject and V_{inf.} types.

Keywords: Periphrasis. Aspectuality. Polarity. Heterosemy.

* Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UNESP/IBILCE, Brasil. ORCID: 0000-0002-7077-543X. Grupo de Estudos Sociofuncionalistas.

** Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, UNESP/IBILCE, Brasil. ORCID: 0000-0002-1798-729X. Grupo de Estudos Sociofuncionalistas.



1. Introdução

A abordagem cognitiva da linguagem concebe que a totalidade do nosso conhecimento linguístico é capturada por redes de construções (Goldberg 2003) compostas por unidades básicas pareadas de forma e de significado, ligadas via elos relacionais e de herança (Goldberg 1995, 2006; Traugott & Trousdale 2013). Aliada a uma visão não modular, mas radial e multidimensional de língua, a abordagem construcional atribui à língua caráter histórico e emergente, uma vez que construções linguísticas não surgem *ex nihilo*, mas emergem e sofrem mudanças ao longo da história, em decorrência da constante interação entre os seres humanos nas mais diversas situações comunicativas.

É com base nesse modelo cognitivo de gramática que exploramos, neste artigo, as nuances de significado da microconstrução [deixar+de+V_{inf.}] do português, em perspectiva diacrônica. Sob os rótulos de *Aspecto terminativo* ou *Aspecto cessativo*, essa microconstrução é comumente categorizada como perífrase verbal indicadora dos momentos finais de um evento (Castilho 2002; Travaglia 2014). Prezotto Júnior (2020) constata, além dessa função aspectual, a existência de contextos em que o mesmo padrão construcional pode também codificar polaridade negativa, expressando a não realização de um evento. As ocorrências 1 e 2 são exemplos respectivos dos valores procedurais de aspecto final e de polaridade negativa expressos pela microconstrução.

- (1) penso que ele está com uma depressão. Ele não sai de casa, **deixou de estudar**, e agora demitiu-se do trabalho (20apsicologaresponde.blogspot.com). (Prezotto Júnior 2020, p. 12)
- (2) Em 1996, **deixei de disputar** a reeleição ou a Prefeitura do Paulista para continuar no Detran. (19Or:Br:Intrv:Com). (Prezotto Júnior 2020, p. 69)

Enquanto em 1, a microconstrução instaura a pressuposição de que o evento durativo *estudar* teve seu curso interrompido, em 2, apenas sinaliza a não realização do evento *disputar*. Ocorrências como essas demonstram o caráter polissêmico de [deixar+de+V_{inf.}], em razão da variabilidade de funções procedurais codificadas, como já atestada também por outros autores (Soares Silva 1999, *apud* Soares Silva 2011).

Reconhecendo que os significados de uma unidade polissêmica podem se inter-relacionar em uma complexa rede de traços compartilhados por relações de herança (Goldberg 1995, 2006), traçamos como objetivo geral deste artigo caracterizar a unidade construcional [deixar+de+V_{inf.}], tratada aqui como duas microconstruções, uma de natureza aspectual final e outra de natureza polar negativa, ligadas por elo de heterossemia na rede de construções do português. Para o alcance desse objetivo geral, assentamos nossas análises nas propostas de Lichtenberk (1991) e de Traugott e Trousdale (2013), para os quais a heterossemia é resultante de significados diacronicamente relacionados. Nessa direção, pretendemos mostrar que as duas microconstruções descendem da construção transitiva com *deixar*, cujo significado

central é o de *afastamento*. Como objetivo específico, apontaremos as singularidades de ambas as microconstruções, tomando por base ocorrências dos séculos XIII ao XXI oriundas do *Corpus do Português* (Davis & Ferreira 2006, 2016) e aqui analisadas a partir de dois parâmetros sintático-semânticos: (i) *tipo de entidade semântica representada pelo SN sujeito da microconstrução*, e (ii) *tipos semânticos de V_{inf}* . Esses parâmetros nos permitirão verificar a hipótese de que a abstração gradativa das microconstruções ao longo das diferentes sincronias do português é motivada pela expansão de tipos semânticos de sujeito e de V_{inf} .

Além desta seção introdutória na qual apresentamos a ideia principal a ser defendida, este artigo segue estruturado do seguinte modo: na seção 2, expomos os fundamentos teóricos de nossa investigação, destacando a abordagem construcional baseada no uso e os domínios de aspecto e de negação em construções perifrásticas; na seção 3, descrevemos os procedimentos metodológicos da investigação; na seção 4, com base nos parâmetros de análise escolhidos, caracterizamos as microconstruções e o elo heterossêmico que as relacionam em suas evoluções diacrônicas; na seção 5, apresentamos nossa conclusão, a qual se seguem as referências.

2. Referencial teórico

Os *Modelos Baseados no Uso* (doravante, MBU), rótulo introduzido por Langacker (1987) e, posteriormente, estendido às investigações linguísticas que se interessam pela relação indissociável entre estrutura e uso da língua (Barlow & Kemmer 2000), se apropriam da abordagem construcional da gramática, buscando estabelecer conexões com os estudos de cunho funcional e cognitivo sobre as funções das construções. Assentamos nessa proposta teórico-metodológica as análises de nosso objeto de investigação.

2.1. Abordagem construcional baseada no uso

A principal premissa que norteia a abordagem construcional baseada no uso (Bybee 2016; Goldberg 2006; Traugott & Trousdale 2013, dentre outros) é a que confere importância central à adaptação dos usuários a diversas situações comunicativas e ao papel da produção e da compreensão de unidades linguísticas interconectadas a processos cognitivos. Embasam essa premissa duas noções de língua. A primeira se refere à língua como parte do sistema cognitivo mais amplo do homem. Da mesma maneira como as experiências humanas são conceptualizadas, a língua emerge e se molda no uso, apresentando, ao mesmo tempo, estrutura, gradiência e variação, e, por isso, é considerada um sistema adaptativo complexo, nunca um produto acabado, como defende Bybee (2016), ao considerar que é sempre possível derivar a língua da não língua, para evidenciar como processos cognitivos de domínio geral atuam na construção da gramática, como é o caso dos processos por ela considerados: *categorização, chunking, memória enriquecida, analogia e associação transmodal*.

A segunda noção é a de língua como rede de construções, formulada a partir da premissa da Linguística Cognitiva de que, assim como outros aspectos da cognição

humana, a língua também se organiza em redes estruturadas. Nas palavras de Langacker (2008):

podemos descrever a língua como um inventário **estruturado** de unidades linguísticas convencionais. Essa estrutura — a organização de unidades em redes e conjuntos — está intimamente relacionada ao uso da língua, tanto moldando-a quanto sendo moldada por ela. (Langacker 2008, grifo no original, p. 222)¹

As construções são ligadas em rede de modo radial, distribuindo-se em diferentes graus de generalização e de abstratização e mantendo entre si elos relacionais e de herança. Como propõe Goldberg (1995), no plano horizontal da rede, há quatro elos relacionais: i) *polissêmico*, que captura relações entre o significado central de uma construção e suas extensões; ii) *por subparte*, que indica que uma construção, parte de outra, subsiste na língua de modo independente; iii) *por instanciação*, que evidencia uma construção como versão mais específica de outra; e iv) *por extensão metafórica*, que relaciona duas construções por mapeamento metafórico. Já no plano vertical, elos de herança entre construções organizam redes taxionômicas de construções, porque um nó de nível apropriado da rede herda propriedades de nós dominantes (vd. Figura 1). Goldberg (1995) argumenta que esses elos são assimétricos, porque uma construção A motiva uma construção B se, e somente se, B herda traços de A.

Na análise diacrônica de nosso objeto de investigação, nos desviamos parcialmente dessa taxionomia de Goldberg (1995), abrandando a noção de elo polissêmico em favor da de elo heterossêmico, sustentados pela proposta de Traugott e Trousdale (2013) de que a polissemia serve à apreensão de elos sincrônicos de significado entre subtipos de uma construção esquemática, enquanto a heterossemia capta elos de significado historicamente relacionados. Desse modo, a heterossemia deve ser entendida, segundo Lichtenberk (1991), como casos de línguas particulares em que dois ou mais significados (ou funções) estejam relacionados historicamente, por derivarem de uma mesma fonte primitiva. Segundo o autor, exemplifica a heterossemia casos de verbo, partícula direcional e marcador aspectual, que descendem todos de uma mesma fonte histórica. Dispomos na Tabela 1 informações gerais sobre o significado decorrente de relações polissêmicas e heterossêmicas.

¹ No original: “We can describe a language as a **structured** inventory of conventional linguistic units. This structure—the organization of units into networks and assemblies—is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it.”

Tabela 1. Questões gerais sobre significado.

-
- A. Significados são internamente complexos; eles têm estrutura. Um certo traço do significado total de um termo pode servir de base para extensões funcionais, enquanto outros traços são irrelevantes.
-
- B. Significados são subjetivos e abertos. Um termo pode ter um significado primário; no entanto, seu significado geral inclui tanto o significado central primário quanto outros mais ou menos periféricos das situações em que o termo é usado.
-
- C. Apesar de, na heterossemia, os significados/funções derivarem de mesma fonte, sincronicamente, não é necessário existir propriedade compartilhada exclusivamente por todos eles. O conceito de estruturas radiais, caracterizada por relações graduais e relações diretas e indiretas entre significados/funções, aplica-se não só à polissemia, mas também, quando apropriadamente modificado, à heterossemia. Na polissemia, há uma categoria conceptual radialmente estruturada. Na heterossemia, as propriedades semânticas e formais dos elementos são muito diferentes para formar uma categoria conceptual única; além disso, a categoria tem apenas uma base histórica: o que une seus membros é sua fonte comum.
-

Fonte: elaborado pelos autores, adaptado de Lichtenberk (1991, p. 480).

É no interior das redes que se encontra a unidade de análise da abordagem construcional: a *construção*. O objetivo dos usuários da língua de compreender e comunicar mensagens, a partir de representações linguísticas experienciadas nas mais diferentes situações comunicativas, só é alcançado porque eles aprendem que formas e funções estão pareadas nas diferentes construções de sua língua. Segundo Goldberg (2006), qualquer padrão linguístico pode ser tratado como uma construção, desde morfemas até padrões textuais, e, como parte do sistema linguístico, as construções permitem que os usuários da língua apliquem seu conhecimento a cada nova experiência de uso da língua. Partilhando desses pressupostos da abordagem construcional da gramática, Traugott e Trousdale (2013) propõem, para uma construção, a representação esquemática dada em 3.

(3) [[F] ↔ [S]] (Traugott & Trousdale 2013, p. 8)

Nessa representação em 3, a construção, como pareamento de F(orma) e S(ignificado) convencionalizado, abriga, em F, propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e, em S, propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas, sem a primazia de um conjunto de propriedades sobre outro. Esse pareamento é indissociável, e a construção deve, portanto, ser concebida como holística e sujeita a padrões de gradiência em sua esquematicidade, produtividade e composicionalidade (Bybee 2016; Traugott & Trousdale 2013).

A *esquematicidade* de uma construção envolve abstração de exemplares linguísticos específicos e se liga ao processo cognitivo de categorização. Essa propriedade retrata a hierarquia da rede linguística, porque construções esquemáticas abstratas, no nível superior na rede, instanciam subesquemas construcionais de nível intermediário, os quais, por sua vez, instanciam microconstruções que, situadas no nível mais baixo, abrigam membros específicos do esquema geral. Assim, o caráter esquemático de uma construção se consolida em rede de modo ascendente, porque só é alcançado a partir da relação entre o particular e o geral. A *produtividade* de uma construção é apurada por sua

generalidade, regularidade e extensibilidade (Barðdal 2008) e também por padrões de frequência *token* (número de ocorrências de uma mesma construção, independentemente de seu significado) e frequência *type* (número de padrões diferentes da construção). A *composicionalidade*, por fim, trata do grau de transparência e opacidade entre forma e significado da construção, considerando-se, respectivamente, se o significado é ou não derivado da soma do significado das subpartes da construção (Traugott & Trousdale 2013).

A fim de exemplificar essas propriedades construcionais, tomemos como exemplo a rede auxiliar aspectual do português e a instanciação de aspecto final (vd. Figura 1). Em termos de esquematicidade, ao esquema geral $[V_1+prep+V_{inf.}]_{ASPECTUAL}$, acessado para retratar as fases internas de um evento, se subordina o subsquema aspectual $[V_1+de+V_{inf.}]_{ASP.FINAL}$, usado para expressão, dentre outras, da fase final de um evento. Esse subsquema é especificado por diferentes microconstruções, dentre as quais $[deixar+de+V_{inf.}]_{ASP.FINAL}$ é apenas uma delas. Essa hierarquização mostra que a microconstrução é o primeiro nível de abstração de *tokens* atestados no uso real da língua, como, por exemplo, o enunciado particular *deixei de fumar*.

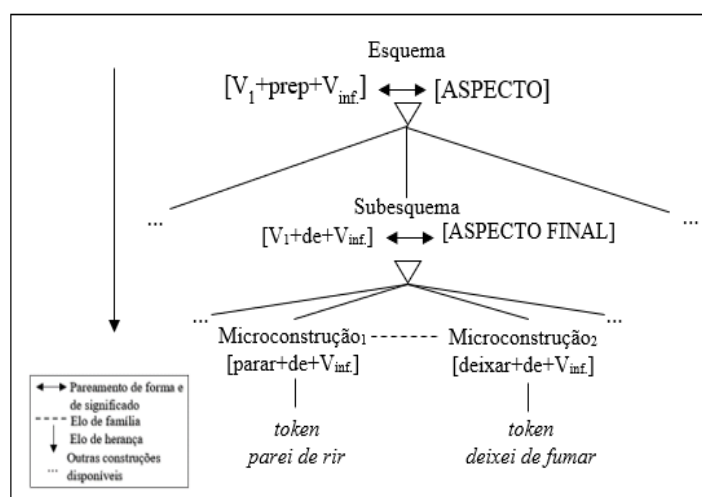


Figura 1. Rede auxiliar aspectual do português.

Em termos de produtividade, o esquema geral da rede mostrado na Figura 1 é altamente produtivo, por categorizar a noção procedural de aspecto; é regular, por possuir forma fixa; é extensível, por servir a variados tipos aspectuais (inceptivo, cursivo, terminativo etc.) expressos por diferentes tipos de V_1 (*começar (a)*, *continuar (a)*, *estar*, *ficar*, *viver*, *andar*, *acabar*, *parar* etc.). Quanto à composicionalidade, o esquema geral, os subsquemas e suas variadas microconstruções, de que $[deixar+de+V_{inf.}]_{ASP.FINAL}$ é apenas um tipo, são todos não composicionais, uma vez que as subpartes V_1 , *Prep* e $V_{inf.}$ se unem para denotar as fases internas de um evento. Assim, da microconstrução ao esquema geral, o português dispõe de *chunks* procedurais para a expressão da categoria de aspecto (Prezotto Júnior 2020). A Figura 1 é um bom exemplo de rede taxionômica, porque, de modo ascendente, permite situar: *tokens* > microconstruções > subsquemas > esquema geral.

Traugott e Trousdale (2013) argumentam que mudanças em uma rede começam como uma nova representação na mente do usuário, implementada por meio dos mecanismos cognitivos de *neoanálise* e *analogização*. O primeiro atua quando uma das partes da construção se altera e, o segundo, quando um esquema ou subesquema atrai para si novas construções. Subjazem a esses mecanismos dois tipos de mudança linguística: *construcionalização* e *mudança construcional*.

Construcionalização diz respeito à criação, na rede linguística, de uma construção com pareamento novo de forma e significado, criação acompanhada de alterações no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização ocorre de forma gradual e pressupõe mudanças anteriores, envolvendo *neoanálise* das propriedades de forma e de significado, em uma sucessão de micropassos que, ao final, desencadeiam a emergência de um novo nó na rede. Esse tipo de mudança pode ser de natureza gramatical (procedural), de que nosso objeto de análise é exemplo, ou lexical (conteudística) (Traugott & Trousdale 2013). Diferentemente da construcionalização, a *mudança construcional* não envolve o surgimento de um novo nó na rede construcional, porque se refere a processos de mudanças que afetam ou aspectos de forma ou de significado da construção.

Da relação entre esses dois tipos principais de mudança, a mudança construcional, com suas etapas graduais, alimenta a construcionalização, que faz surgir, em uma rede, uma nova construção, que, sujeita a sofrer *mudanças construcionais pós-construcionalização*, pode dar início a um novo ciclo de mudança.

Ponto importante da abordagem construcional a ser ressaltado no fechamento desta seção é que sincronia e diacronia são dimensões indissociáveis no estudo e na teorização da língua, porque permitem explicar por que a língua, em seu estado atual, é como é. Evidências históricas desafiam o pesquisador a reconstruir relações entre construções que se modificam no curso do tempo, por adaptações aos usos da língua.

2.2. Aspecto e Negação da perspectiva centrada no uso

As principais discussões sobre a categoria de aspecto se concentram antes na definição do domínio da auxiliaridade. O conceito clássico de auxiliaridade remete sempre ao reconhecimento de uma sequência de verbos, dentre os quais o auxiliar é o verbo flexionado e o auxiliado, o verbo pleno em uma das formas nominais (gerúndio, particípio ou infinitivo), formação a que se denomina *perífrase* ou *construção perifrástica* (Raposo 2013). Como observa Raposo (2013), uma perífrase pode conter mais de um verbo auxiliar seguido de verbo pleno, como em *os alunos podem ter estado a copiar no exame* (Raposo 2013, p. 1225; grifos no original), sendo, por isso, conveniente distinguir *perífrases verbais simples*, com apenas um verbo auxiliar, de *perífrases verbais complexas*, com mais de um verbo auxiliar. Nosso objeto de investigação reporta apenas casos de *perífrases simples*.

Nosso entendimento de auxiliares se baseia na hipótese da gradiência *verbo pleno* > *verbo auxiliar* defendida por Heine (1993) e pautada na concepção de que a língua é moldada por forças históricas, cognitivas e pragmáticas. Essa concepção explica o fato de ser difusa a classe de verbos auxiliares e o de critérios de auxiliaridade nem sempre

serem suficientes para tal categorização. Assim, entre verbos plenos e auxiliares é possível situar os *quase-auxiliares* e/ou *semiauxiliares* (Heine 1993; Raposo 2013), em razão do processo gradual de gramaticalização que transforma verbos plenos em auxiliares.

Interpretando essa visão na abordagem construcional, argumentamos que, em uma única predicação, uma construção de auxiliaridade parecia-se a uma das categorias do domínio semântico da cadeia TAM: Tempo, Aspecto e Modalidade (Heine 1993; Raposo 2013). Embora Heine (1993) esteja mais preocupado em sancionar o estatuto gramaticalizado de verbos plenos que se recategorizam como auxiliares, a auxiliaridade só se define no todo da construção que o auxiliar ajuda a formar, e não apenas por uma de suas subpartes, no caso, o verbo auxiliar. Esse entendimento parece também ser o de Raposo (2013), ao afirmar que “é a perífrase no seu todo, e não apenas o verbo pleno, que funciona como núcleo semântico do sintagma verbal e da oração” (p. 1226). Assim é que, neste artigo, usamos o esquema genérico [V₁+prep+V_{inf.}] para nos referirmos aos casos de construções perifrásticas que expressam função procedural aspectual na gramática.

Embora estudos sobre aspecto não sejam tão consensuais na Linguística, essencialmente, aspecto diz respeito às “várias maneiras de se conceber a constituição temporal interna de uma situação”² (Comrie 1976, p. 3), devendo ser considerado uma propriedade da predicação (Castilho 2002). Neste trabalho, apoiamos-nos na tipologia aspectual de Castilho (2002) (vd. Tabela 2), proposta para o português brasileiro.

Tabela 2. Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002).

Face qualitativa	Imperfectivo	Perfectivo
	Inceptivo, cursivo, terminativo	Pontual, resultativo
Face quantitativa	Semelfactivo, iterativo	

Fonte: Castilho (2002, p. 87).

A Tabela 2 mostra que a tipologia do autor contempla duas faces do aspecto, a saber: i) *qualitativa*: quando o evento é concebido como um todo (*perfectivo*) ou em suas fases de realização (*imperfectivo*); ii) *quantitativa*: quando se considera a iteratividade (*iterativo*) ou não (*semelfactivo*) de um evento. Segundo o autor, nuances da face quantitativa podem se combinar com as da face qualitativa, porque, a rigor, a quantificação de eventos, em si, não constitui uma noção aspectual.

Devido ao fato de a microconstrução aspectual em análise neste artigo codificar finalização de evento, convém apontar que há, entre autores da Aspectologia, certo dissenso terminológico na designação das fases finais de um evento. Por exemplo, autores, como Castilho (2002), postulam o termo genérico *terminativo* para esse tipo aspectual, enquanto outros, como Travaglia (2014), preferem reservar o termo *terminativo*, para designar evento culminado, e *cessativo*, para a suspensão temporária de um evento em curso. A esse respeito, observemos as ocorrências em 4 e 5.

- (4) Recebi denúncias dos populares que falaram que há uma semana o médico **parou de atender** por conta da sujeira na unidade. (20brumadonoticias.com.br)

² No original: “different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.”

- (5) Dulce **acabou de vestir-se** e foi escovar os dentes. (19:Fic:Br:Carvalho:Somos)

Embora ambas as ocorrências marquem a finalização de um evento, a microconstrução com *parar*, em 4, permite a interpretação de que a interrupção de uma atividade sem meta a ser atingida (*atender*) é apenas momentânea e, portanto, não se trata de processo culminado, como é exatamente o caso da microconstrução com *acabar*, em 5, que expressa uma situação durativa (*vestir-se*) que alcança seu ponto final.³ Interpretação semelhante é oferecida por Raposo (2013), ao tratar de perífrases aspectuais com os verbos *deixar (de)* e *parar (de)*. Assim, argumentamos que nuances do aspecto final devem ser apreendidas somente no contexto de ocorrência da microconstrução e, como forma de contornar qualquer dissenso em torno dessas nuances, adotamos aqui o rótulo genérico *aspecto final*, para evitarmos ambiguidades descritivas.

Quanto à negação, cientes das diferentes perspectivas para seu tratamento, a da *tradição lógica de valor de verdade*, a da *certeza subjetiva* e a da *pragmática comunicativa* (Givón 2018), assumimos a perspectiva baseada no uso, segundo a qual a negação “evoca como *background* a concepção positiva do que está sendo negado⁴” (Langacker 2013, p. 59), uma vez que, na negação de um enunciado, há sempre uma contraparte afirmativa pressuposta assentada no que já se ouviu, no que se acredita ou, ao menos, no que se tem por familiar (Givón 2001). É o que se verifica na ocorrência em (2), dada anteriormente, na qual a negação com *deixar* permite inferir a crença de que o evento *disputar a reeleição* poderia ter ocorrido.

Na investigação da auxiliaridade, a operação de negação é um dos principais critérios usados para sancionar o estatuto de auxiliaridade de uma construção perifrástica. Segundo Lobato (1975), Heine (1993) e Raposo (2013), o forte estatuto de auxiliaridade de uma construção é reconhecido quando o escopo da negação incide sobre todo o grupo verbal que a constitui. É possível demonstrar a validade desse critério, considerando o contraste entre 6a, que contém a microconstrução auxiliar de aspecto final [*deixar de estudar*], e 6b, contraparte negada de 6a, ambos os enunciados construídos a partir da ocorrência dada em 1.

- (6) a. Ele não sai de casa, **deixou de estudar**, e agora demitiu-se do trabalho.
b. Ele não sai de casa, **não deixou de estudar**, e agora demitiu-se do trabalho.

Em 6, é possível comprovar que [*deixar de estudar*], no contexto dado em 6a, é uma construção de auxiliaridade, porque o operador de negação, se aplicado à microconstrução, incide sobre todo o grupo verbal. Tanto se trata de uma construção de auxiliaridade que, na conversão da polaridade do enunciado de afirmativa 6a para negativa 6b, o valor aspectual do grupo verbal muda, como um todo, de final para cursivo (= *ele continua estudando*). Esse mesmo efeito de sentido não se observa se o operador de negação recaísse somente sobre o verbo pleno (*ele deixou de não estudar*), o que

³ Além do domínio aspectual, [acabar+de+V_{inf}.] integra também o domínio de Tempo, por localizar o evento em momento anterior próximo ao da enunciação (vd. Cunha 2013, p. 613; Raposo 2013, p. 1270).

⁴ No original: “evokes as background the positive conception of what is being denied.”

manteria o valor aspectual final da construção, indicando a cessação do evento *não estudar* e o início do evento *estudar*.

Também nos casos da microconstrução [deixar+de+V_{inf.}]POLAR.NEG., a coesão do grupo verbal é tal que a aplicação de um outro operador de negação à microconstrução incide sobre todo o grupo verbal, alterando, por razões lógicas, a polaridade do enunciado de negativa 7a para positiva 7b, como se pode observar no contraste entre os enunciados em 7, construídos a partir da ocorrência dada em 2.⁵

- (7) a. Em 1996, **deixei de disputar** a reeleição (= não disputou).
b. Em 1996, **não deixei de disputar** a reeleição (= disputou).

Se o operador de negação recai somente sobre o verbo pleno (*deixei de não disputar a reeleição*), a polaridade positiva da construção permanece a mesma, o que pode ser um sinalizador de que esse tipo de construção esteja menos gramaticalizado do que a de polaridade negativa, por ser indiferente à posição do elemento negativo.

Com o intuito de confirmar o funcionamento da marcação negativa da microconstrução em análise, recorreremos a duas de três propriedades do operador negativo *deixar (de)* dadas por Peres (2013). A primeira diz respeito à possibilidade de a microconstrução, diferentemente de outras construções negativas, ser compatível com expressões pré-verbais do tipo *nenhum*, como em 8.

- (8) a. * **Nenhum doente** *não* será atendido por não estar inscrito na consulta.
b. **Nenhum doente** *deixará de* ser atendido por não estar inscrito na consulta.
(Peres 2013, p. 469, grifos no original)

Pela presença do *não* em 8a, o uso de um pronome indefinido, como *nenhum*, ou de outra construção semelhante, gera certo estranhamento. No entanto, a presença de uma construção negativa modificando o SN sujeito de [deixar+de+V_{inf.}]POLAR.NEG. é possível, levando ao fenômeno da *dupla negação* e ao efeito polar positivo do enunciado (= *todos doentes serão atendidos*), como já visto anteriormente.

A segunda propriedade indica que o uso dessa microconstrução pode ser favorecido em contextos em que há uma dependência, causal ou final, entre duas situações, conforme exemplos do autor transcritos em 9.

- (9) a. A Sara *não* jantou.
b. A Sara *deixou de jantar* por tua causa. (Peres 2013, p. 469, grifos no original)

Em 9, a diferença entre as sentenças negativas é a de que a microconstrução encabeçada por *deixar* revela uma causa para a não realização do estado de coisas *jantar*. Essa particularidade contextual de [deixar+de+V_{inf.}]POLAR.NEG. ocorre em grande parte de

⁵ *Deixar* operador de negação não se enquadra na classe dos predicados implicativos, que, quando afirmados, geram pressuposição de evento realizado, e, negados, a de evento não realizado (Karttunen 1971). *Conseguir* é exemplo de predicado implicativo na construção [conseguir + V_{inf.}], como em “João **conseguiu chegar**” (= ele chegou) e em “João **não conseguiu chegar**” (= ele não chegou).

nossos dados, parecendo ser um arranjo colocacional frequente no português, em que um agente não realiza *X* por força de *Y* (vd. Soares da Silva 2011).

Além das propriedades apontadas por Peres (2013), acrescentamos outra, intimamente ligada ao contexto pragmático. A negação sancionada por [deixar+de+V_{inf.}]POLAR.NEG. não é da mesma ordem da marcada por construções como *não, nunca, sem*. Acresce-se a essa microconstrução uma estratégia discursiva de *abrandamento da negação*. Tal artifício serve como mecanismo de atenuação, fazendo com que o peso de negar seja mitigado na interação. É o que exemplificamos em 10.

(10) Eu não me sinto limitado por **deixar de fazer** alguma coisa que eu não goste, quando **deixamos de fazer** certas coisas, passamos a fazer outras. (20a2forum.forumeiros.com)

A ocorrência 10 evidencia a justificativa do enunciador, que ameniza sua responsabilidade pela não realização de certas atividades em virtude de outras. A não realização da atividade é apresentada como decorrente de uma atitude que parece involuntária por parte do agente, efeito que dificilmente se alcançaria pela negação simples com *não* (*não fazer alguma/certas coisa/s*).

No âmbito da abordagem construcional aqui adotada, a simples inserção de um operador de negação na construção nos levaria a ter de reconhecer um outro pareamento de forma e de significado, principalmente nos casos em que ocorre alterações de sentido, como os analisados acima. Assim, mantemos que as duas perífrases em análise são consideradas microconstruções, dadas as funções procedurais a elas pareadas. A gradiência entre valores diferentes apreensíveis em sincronia é reflexo de um processo gradual de mudança diacronicamente atestado, como pretendemos mostrar em seção específica deste artigo. Antes, porém, expomos, na próxima seção, os passos metodológicos que guiam nossa investigação.

3. Procedimentos metodológicos

Filiado aos MBU, este trabalho concilia os métodos quantitativo e qualitativo para a análise de dados empíricos baseada em *corp*us. Os dados analisados foram recolhidos do *Corpus do Português* (Davis & Ferreira 2006, 2016)⁶, uma plataforma interativa com ferramentas de busca disponíveis aos usuários e composta de dois grandes *subcorpora*: o primeiro, *gênero/histórico*, é composto por mais de 45 milhões de palavras (de mais de 57 mil textos escritos em português do século XIII ao século XX), e o segundo, *web/dialetos*, composto por 1 bilhão de palavras, reúne páginas eletrônicas da *internet* veiculadas em quatro países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), portanto, uma amostra do português contemporâneo (século XXI). Em que pese as limitações impostas a qualquer pesquisa baseada em *corpora*, quaisquer sejam as fontes escolhidas, optamos pelo *Corpus do Português*, dada a diversidade de gêneros nele representada e sua abrangência temporal, as quais permitem ao pesquisador alcançar, em certa medida, as extensões contextuais acerca do fenômeno de mudança em foco e, assim, obter um olhar global das dimensões sincrônicas e diacrônicas da língua em uso.

⁶ O *corpus* está disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

Para a localização de ocorrências nas amostras das sincronias do século XIII ao XXI, selecionamos as entradas [*leix**] e [*deix**], estratégia que dá acesso a todas as flexões verbais e aos arranjos colocacionais das microconstruções em análise. Dessa maneira, coletamos, em meio a todas as ocorrências de [deixar+de+V_{inf.}] levantadas automaticamente, apenas as cem primeiras que instanciavam aspecto final e polaridade negativa de cada século, descartando das análises, por exemplo, aquelas de valor polar positivo (vd. Seção 4.1.). Por meio desse procedimento, garantimos a aleatoriedade de manifestações dos valores das microconstruções em exame, provenientes dos diferentes gêneros representados no *corpus*. No que é próprio da constituição do *corpus* escolhido, é importante deixar esclarecido que, do período arcaico (séculos XIII a XV), de menor extensão textual e de gêneros representados, todas as ocorrências disponíveis, inferiores a 100, foram coletadas e analisadas.

Para interpretação de ocorrências de sincronias mais pretéritas, recorreremos a dicionários e a glossários específicos (Cunha 2014; Ferreiro 2014; Xavier, Vicente, & Crispim 2003). Então, catalogamos e quantificamos todas as ocorrências das microconstruções segundo sua função. Na Tabela 3, dada a seguir, apresentamos a distribuição geral de frequência das microconstruções por período histórico e por função.

Tabela 3. Frequência de ocorrências de [deixar+de+V_{inf.}] em três períodos do português.

Períodos	Microconstruções	Aspectual		Polar		Total	
		Negativa					
		No.	%	No.	%	No.	%
Arcaico	XIII	4	1	5	1.4	9	1.2
	XIV	32	8.3	10	2.8	42	5.7
	XV	33	8.5	54	15.3	87	11.8
Médio	XVI	35	9.0	65	18.5	100	13.6
	XVII	43	11.1	57	16.2	100	13.6
	XVIII	47	12.1	53	15.0	100	13.6
Moderno	XIX	62	16.0	38	10.8	100	13.6
	XX	64	15.5	36	10.3	100	13.6
	XXI	67	17.3	33	9.4	100	13.6
Total		387	52.4	351	47.6	738	100

Na fase de caracterização diacrônica das duas microconstruções, analisamos todas as ocorrências à luz dos dois parâmetros estabelecidos. O primeiro refere-se às entidades semânticas expressas pelo sujeito da microconstrução: i) *indivíduo*, entidade de primeira ordem, avaliada em termos de sua existência; ii) *estado de coisas*, entidade de segunda ordem, avaliada por sua realização (ou não); iii) *proposição*, entidade de terceira ordem, avaliada em termos de verdade; iv) *ato de fala*, entidade de quarta ordem, avaliada por suas condições de felicidade (Camacho, Dall’Aglia-Hattner, & Gonçalves 2014).

O segundo parâmetro de análise refere-se aos tipos semânticos de V_{inf.} das microconstruções, classificados de acordo com a escala de traços semântico-pragmáticos verbais proposta por Tavares e Freitag (2010). Essa escala organiza hierarquicamente os verbos em quinze tipos, cuja ordenação se dá do mais concreto, como *atividade específica* (*escrever, jogar, andar* etc.), ao mais abstrato, como *estado* (*ser, estar*).

Esses dois parâmetros de análise nos permitem analisar a extensibilidade das microconstruções ao longo das sincronias, bem como investigar seus graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade: (i) em termos de esquematicidade, buscamos apreender as regularidades que contribuem para a sedimentação das microconstruções no sistema da língua portuguesa; (ii) em termos de produtividade, averiguamos como ocorre a expansão dos *slots* de sujeito e de V_{inf} da microconstrução para novos tipos; (iii) em termos de composicionalidade, avaliamos se a expressão de aspecto e de polaridade negativa é função do todo ou das partes das microconstruções. A hipótese em torno de ambos os parâmetros é a de que, no curso do tempo, os *slots* de sujeito e de V_{inf} são neoanalisados e se expandem, passando a sancionar referentes e verbos principais cada vez mais abstratos. Aferir os micropassos de mudança diacrônica das microconstruções permite atestar o elo heterossêmico que as liga na rede linguística do português.

4. A diacronia de [deixar+de+ V_{inf}]: aspectualidade e polaridade negativa em foco

Nesta seção, expomos, primeiramente, o desenvolvimento histórico de [deixar+de+ V_{inf}], para evidenciarmos o elo heterossêmico que une as microconstruções nas redes de aspecto (final) e de polaridade (negativa), e, depois, traçarmos especificidades de sua esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

4.1. De conteudístico a procedural: [deixar+de+ V_{inf}] na história do português

A unidade construcional *deixar* advém do verbo transitivo latino *laxo, ãvi, atum, ãre*, com acepções de *estender, ampliar, espaçar, afrouxar, largar, abandonar* (Gaffiot 1934). Na passagem do latim ao português, tal unidade preservou os sentidos de *afastamento, espaçamento, abandono*, como mostrado por Prezotto Júnior (2020).

Na rede linguística do português, desde os séculos mais pretéritos, *deixar* preserva e convencionaliza o sentido de *ausência*, ou ainda, de *distanciamento*, entre os referentes de um sujeito e de um objeto, sancionando várias construções de natureza conteudística, como é o caso de construções transitivas (e.g., *ele deixou lixo na porta*), idiomáticas (e.g., *deixar a poeira baixar*), intermediárias, como as de verbo-suporte (e.g., *deixar claro*) (Prezotto Júnior & Souza 2019), e, procedurais, como as analisadas neste artigo. Dada a multifuncionalidade de *deixar* no português, assumimos a construção transitiva como central, porque é do pareamento transitivo que conseguimos depreender diacronicamente as extensões do sentido original de *afastamento* para construções tanto conteudísticas quanto procedurais⁷. Em torno desse sentido central, forma-se, por heterossemia, redes interligadas por forma e/ou sentido como ilustra a Figura 2.

⁷ Em relação à polissemia de *deixar*, remetemos o leitor a Soares da Silva (1999 *apud* Soares da Silva 2011), que, sob perspectiva da Linguística Cognitiva, empreende um estudo sincrônico e diacrônico sobre a semântica do verbo *deixar* e suas implicações ao nível da causatividade e da polissemia, objetivo mais amplo, portanto, do que o recorte que propusemos neste artigo, enfocando apenas os valores de aspecto final e de polaridade negativa de microconstruções com *deixar*.

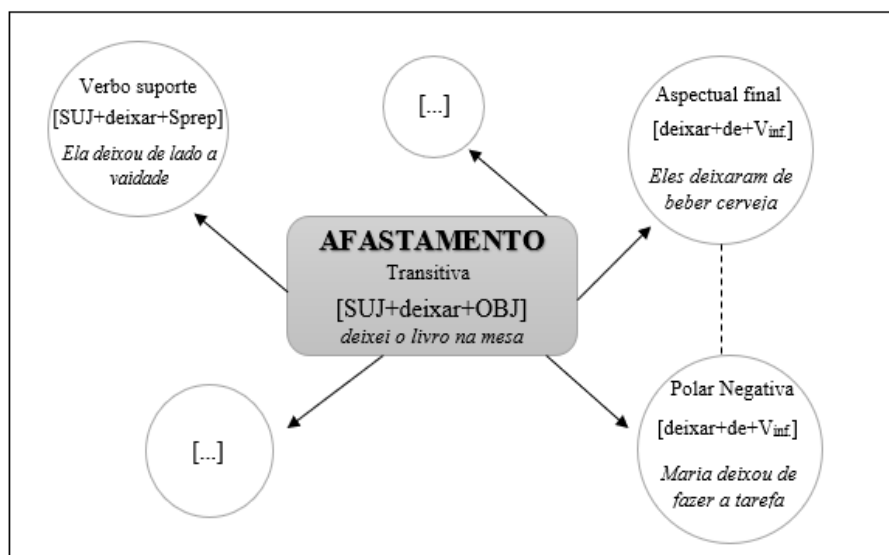


Figura 2. Rede heterossêmica da unidade construcional *deixar* no português.

A rede da Figura 2 revela os múltiplos pareamentos de *deixar*, cujas ligações por setas representam os elos heterossêmicos, motivados pelo significado central comum. As reticências entre colchetes representam outras construções possíveis, e o tracejado descontínuo indica a íntima relação entre os nós investigados neste trabalho. Portanto, é forte a hipótese de que os nós construcionais retratados pelos círculos emergem na dependência da necessidade comunicativa e dos novos contextos experienciados pelos usuários da língua, a partir do sentido básico de *afastamento*, representado no retângulo central. Esses nós resultam da conceptualização das representações linguísticas surgidas no uso da língua.

Especificamente, na evolução diacrônica de [deixar+de+V_{inf.}], o sentido central de *afastamento* de um objeto concreto se neoanalisa para o de *afastamento* de um evento já iniciado ou de um evento não começado de naturezas abstratas, promovendo a transferência metafórica entre domínios e resultando na gênese das microconstruções aspectual e polar negativa.

A fim de exemplificar essa evolução, apresentamos em 11, uma ocorrência prototípica da construção transitiva com *deixar* do português arcaico, que reverbera até os dias atuais. Nessa ocorrência, um agente, *o rei*, se distancia de um paciente, *sua mulher*, ambas as entidades delineadas pela sua natureza biossocial concreta.

(11) [SUJ+deixar+OBJ] ↔ [AFASTAMENTO]

E logo aa terça seguinte como **el Rei** comeo a cabo d'huûa ora. **leixou sua molher**. que nom ualeo rrogo nem lagrimas da rrainha dona Maria sua madre. (14:Lopes:Pedro)

[Depois, na terça seguinte, como **o rei** comeu em uma hora, **deixou sua mulher**, não valendo nem o pedido nem as lágrimas da rainha dona Maria, sua mãe]. (Prezotto Júnior 2020, p. 81)

Ainda inserido na rede transitiva, *deixar*, desde o português arcaico, sanciona no *slot* de objeto um verbo nominalizado, sob a forma [determinante + V_{inf.}] (vd. 12). Esse contexto

evidencia o ponto de passagem da construção transitiva para as construções aspectual e polar negativa, uma vez que o *slot*, antes tipicamente ocupado por um SN, se neoanalisa e se estende, passando a admitir um V_{inf} posposto a *deixar*.

- (12) Joam Vaásquez, moiro por saber de vós por que **leixastes o trobar**, ou se foi el vos primeiro leixar. (12Cantigas2)

[João Vasques, morro por saber de vós porque **deixastes o trovar**, ou terá sido o trovar que te deixou primeiro?]

A ocorrência em 12 representa o *afastamento* de um agente não de um *indivíduo*, como *sua mulher*, em 11, mas de um *estado de coisas* (*o trovar*), de ordem mais abstrata e codificada sob forma de verbo infinitivo, um prenúncio da típica estrutura auxiliar aspectual e negativa. Embora não tenhamos evidências anteriores ao século XIII, é possível interpretar que esse processo de abstratização do *slot* de SN-objeto da construção transitiva possibilitou a *construcionalização* gramatical das microconstruções aspectual e polar negativa, fato comprovado, historicamente, pelo elo heterossêmico que as une. Ao voltar às sincronias mais pretéritas e investigar microconstruções que, apesar de padrão formal semelhante, veiculam nuances semânticas distintas, ratificamos a principal premissa da abordagem construcional, a de que as construções não são totalmente arbitrárias nem enraizadas em um único domínio, mas formam redes e conexões, apresentando resquícios diacrônicos de significado.

A microconstrução auxiliar [*deixar*+*de*+ V_{inf}]_{ASP.FINAL} já está presente no período arcaico (séculos XIII e XIV), admitindo no *slot* de preposição a ocorrência tanto de *de* como de *a*, como mostram as ocorrências em 13 e 14.

- (13) Mas agora **leixaremos** aquy **a fallar** na estorya del rei dõ Afomso, o Magno e contaremos de Audela, rey de Cordova. (13:CIPM:CGEsp)

[Mas agora **deixaremos de falar** aqui na estória do rei Dom Afonso, o Magno, e contaremos a de Audela, rei de Cordova]

- (14) Mas, por que esto nõ cõvem aos feytos d'Espanha, **leixaremos** dello **de fallar**. (13:CIPM:CGEsp)

[Mas, porque isso não convém aos feitos da Espanha, **deixaremos de falar** disso ...]

As ocorrências em 13 e em 14 são do mesmo texto fonte e, em ambas, o aspecto final se evidencia pelo anúncio do enunciador da interrupção/finalização do tópico discursivo em desenvolvimento para início de outro. No período arcaico, a preposição *a*, nesses contextos, era menos frequente que *de*, e por isso é suplantada por esta, como verifica Prezotto Júnior (2020). Uma constatação que reforça a explicação da extinção de [*deixar*+*a*+ V_{inf}] é a de que o sentido de *afastamento* é inerente à preposição *de* (Raposo 2013) e está ausente em *a*. A preposição *a* se especializa em contextos de aspecto progressivo, com função de “perspectivar a fase intermediária de uma situação,

focalizando-a na sua progressão ou decurso”⁸ (Cunha 2013, p. 608), comum até os dias atuais no português europeu.

No português médio (séculos XVI-XVIII), [deixar+de+V_{inf.}]_{ASP.FINAL} se convencionaliza e, até a sincronia atual, os *slots* construcionais se expandem, conforme veremos nas seções seguintes. Na ocorrência em 15, do século XVII, Pe. Vieira relata o fim da atividade de moagem dos engenhos, e em 16, do século XX, a notícia expõe o fim da condição de as matinês serem ponto de encontro e de o comércio ser requintado.

- (15) Cá estamos em paz, mas nem por isso logra o Brasil felicidade alguma, [...], e já este ano **deixaram de moer** muitos engenhos. (16:Vieira:Cartas)
- (16) As matinês **deixaram de ser** o ponto de encontro, engolidas pela televisão e pelos programas fortuitos. [...] O comércio **deixou de ser chique**. (19N:Br:PA)

Em casos como esses, o pareamento [deixar+de+V_{inf.}]_{ASP.FINAL} pode ser concebido como um *chunk* procedural auxiliar do português atuante na indicação dos momentos derradeiros de uma situação.

A microconstrução polar negativa indica a não realização de uma situação, ou ainda, que determinada situação não foi iniciada até o momento presente da enunciação. Esse sentido de distanciamento entre o referente do sujeito e um *estado de coisas* (não executado) leva ao enquadramento desse tipo de construção como caso de *negação de sintagma verbal*, devido à semântica de *deixar* como verbo intrinsecamente negativo (Peres 2013). Ao assumirmos a perspectiva baseada no uso, consideramos que o sentido negativo dessa microconstrução não se constitui apenas pela presença de *deixar*, mas do todo construcional, pela união dos três *slots* disponíveis, que, juntos no contexto, formam um *chunk* de marcação polar negativa na rede do português. Nesse sentido, [deixar+de+V_{inf.}]_{POLAR.NEG.} pode ser considerada mais uma forma de negação disponível na língua, ao lado de outras, como *não*, *nunca*, *jamais*, *sem*, *in-*. Tal microconstrução é parte do sistema do português, desde os primeiros séculos da fase arcaica, como mostra 17, uma ocorrência do século XIV, em que se nega a realização da ação (*de fazer o que se deve*) de um agente moralmente responsável (*os homens*).

- (17) E muytas vezes acontece esto aos homëes que, coy dando seer ben conselhados daquelles a que demandan conselho, som per elles enganados e **leixã de fazer** o que devem. (13:CIPM:CGEsp)

[E isso acontece muitas vezes aos homens que, cuidando de ser bem aconselhados por aqueles a quem pendem conselho, são enganados por eles e **deixam de fazer** (=não fazem) o que devem]

Convém situarmos em uma rede do português a microconstrução [deixar+de+V_{inf.}]_{POLAR.NEG.} Essa microconstrução faz parte do domínio semântico da polaridade, cuja noção provém das ciências físicas e indica, genericamente, construções que, sensíveis a valores opostos, são categorizadas pelo valor positivo ou negativo a que

⁸ Alguns exemplos do tipo aspectual progressivo apresentados pelo autor são: *O lobo está a dormir* e *O lobo está a atravessar a floresta*.

foram atraídas. Nesse domínio, o subesquema $[[[\text{neg.}]+[\text{deixar}+\text{de}+V_{\text{inf}}]]_{\text{POLAR}}$ comporta duas microconstruções⁹: i) *polar negativa*, como é o caso do objeto aqui estudado, em que a construção $[\text{neg.}]$ não ocorre, e ii) *polar positiva*, em que $[\text{neg.}]$ ocorre anteposta à microconstrução de valor já negativo. Como se pode observar, a microconstrução polar positiva (ou afirmativa) resulta do fenômeno de *dupla negação* que, na lógica do *Cálculo Proposicional*, anula a negação, porque dois operadores negativos, se ocorrem em sequência, não podem manter o valor negativo da proposição e impõem uma ordenação restrita (Peres 2013). Vejamos as ocorrências 18 e 19.

- (18) Duas couzas diz V. Ex.a a que não podemos dar remedio; hũa he as mentiras que espalhão os castelhanos, porque **he impossível deixarem de as dizer** [...]. (16:Sande:Cartas)

[Vossa Excelência diz duas coisas que não podemos remendar: uma é as mentiras que os castelhanos espalham, porque **é impossível deixarem de as dizer**. (= eles continuam dizendo) [...]]

- (19) Você vai fazer agora 31 anos, já passou por muita coisa sobre o skate, deve ter várias histórias, e também **não deixou de se dedicar** (= continua se dedicando) a outras atividade. (19Or:Br:Intrv:Web)

Em ambas as ocorrências, o valor negativo da microconstrução $[\text{deixar}+\text{de}+V_{\text{inf}}]_{\text{POLAR.NEG.}}$ é anulado, convertendo seu valor polar para positivo, em razão de sua interação com outras construções de valor negativo: a construção matriz impessoal *é impossível*, em 19, e a construção negativa *não*, em 20. Como já argumentado anteriormente, nesse processo de conversão, além de assumir a polaridade positiva, a construção passa a integrar o domínio de aspecto, mais precisamente de aspecto cursivo, *continuar dizendo*, em 18, e *continuar se dedicando*, em 19.

Em síntese, defendemos, nesta seção, a hipótese da gênese das microconstruções $[\text{deixar}+\text{de}+V_{\text{inf}}]_{\text{ASP.FINAL}}$ e $[\text{deixar}+\text{de}+V_{\text{inf}}]_{\text{POLAR.NEG.}}$, que integram, como construções procedurais, dois domínios semânticos que se ligam, diacronicamente, via elo heterossêmico. Embora essas microconstruções sejam usadas em contextos comunicativos distintos, o sentido central de *afastamento* licenciado pela unidade construcional *deixar* sugere a intersecção dos domínios com a semântica geral de *não mais V_{inf}* , para a microconstrução aspectual, e de *não V_{inf}* , para a microconstrução polar negativa. Torna-se imperioso reconhecer que, para o subesquema $[\text{deixar}+\text{prep}+V_{\text{inf}}]$, a intersecção entre domínios não se esgota nos domínios de aspecto final e da polaridade negativa, uma vez que, na organização das construções linguísticas em redes, a intersecção entre vários domínios semânticos é trivial, como atestam os vários fenômenos exemplificativos que constam em Traugott e Trousdale (2013). Somente a título de exemplo de outros desenvolvimentos semânticos envolvendo o verbo *deixar*, a microconstrução procedural $[\text{deixar}+\text{por}+V_{\text{inf}}]$, como em “*deixei por fazer a barba*”, permitiria interseccionar aspecto prospectivo, tempo e polaridade negativa, denotando um estado de coisas não iniciado (representado em V_{inf}) que se projeta para um futuro.

⁹ A forma *neg.* nos parênteses e nos colchetes representa unidade construcional negativa (*não, nunca, jamais, é impossível, ...*) que pode ou não ocorrer na construção de polaridade. Se ela ocorre, a polaridade é positiva/afirmativa por conta da interação com o valor negativo de *deixar*; se não ocorre, é negativa.

4.2. Singularidades diacrônicas das microconstruções aspectual e negativa

De acordo com a Tabela 3, embora nossos dados não nos permitam atestar a emergência das microconstruções [deixar+de+V_{inf.}]_{ASP. FINAL} e [deixar+de+V_{inf.}]_{POLAR NEG.}, porque já estão disponíveis em todas as sincronias da fase arcaica, e, sem que nos tenha sido possível recuar ainda mais no tempo, a hipótese da emergência desses valores se assenta, portanto, na abstratização do sentido de *afastamento*, como optamos por retratar nesta subseção, ao considerarmos o desenvolvimento diacrônico da semântica das microconstruções em análise, aqui centrado tanto na interpretação da frequência de uso quanto na emergência de padrões específicos instanciados pelos parâmetros *tipos de entidade semântica do sujeito da microconstrução* e *tipos semânticos de V_{inf.}*. Isso significa dizer que, para essas duas microconstruções, o contraste entre padrões de uso mais concreto e de frequência baixa frente aos de uso mais abstrato e de frequência mais alta é um forte indicativo de maior abstratização, como sugere Bybee (2016).

4.2.1. Tipo de entidade semântica do sujeito da microconstrução

Recorrendo ao parâmetro *Tipo de entidade semântica sujeito da microconstrução*, analisamos a ampliação gradativa de tipo semânticos do referente do sujeito que, com a microconstrução, compõe a predicação. Nosso intuito é mostrar a evolução gradual do arranjo colocacional de sujeito das microconstruções investigadas, sob a expectativa de que quanto mais referentes abstratos sancionados pelo sujeito da microconstrução, maior será sua produtividade e sua consolidação na rede do português. Examinemos, de início, os resultados da Tabela 4.

Tabela 4. Frequência de Tipos de entidade semântica do sujeito em três sincronias.

Sujeito / Microconst.		Período	Arcaico			Médio			Moderno			Σ
			XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	
Tipos / Exemplos		Microconst.										
Indivíduo	<i>Eu, Rei, Padre etc.</i>	Aspectual	4	32	33	34	38	43	57	51	45	337
		Polar Negativa	5	10	53	62	52	52	36	35	30	335
Estado de Coisas	<i>Obra, Vitória etc</i>	Aspectual	–	–	–	1	5	4	5	12	16	43
		Polar Negativa	–	–	1	3	4	1	2	–	2	13
Proposição	<i>Ideia, Crença etc.</i>	Aspectual	–	–	–	–	–	–	–	1	4	5
		Polar Negativa	–	–	–	–	1	–	–	–	1	2
Ato de fala	<i>Discussão, Pedido etc.</i>	Aspectual	–	–	–	–	–	–	–	–	2	2
		Polar Negativa	–	–	–	–	–	–	–	1	–	1

Esses resultados da Tabela 4 evidenciam que a microconstrução aspectual seleciona, nos primeiros séculos, apenas sujeitos do tipo *indivíduo*. No português médio, sujeito *estado de coisas* aumenta gradualmente de frequência e, somente no português moderno, emergem como sujeito as entidades *proposição* e *ato de fala*. A microconstrução polar negativa segue percurso semelhante, admitindo muito frequentemente como sujeito, nos séculos iniciais, entidade *indivíduo* e, somente no século XV e mais raramente, a entidade *estado de coisas*. No português médio, surgem microconstruções negativas com sujeito codificando esparsamente *proposição* e, somente no português moderno, codificando *ato de fala*. Esse percurso histórico para as duas microconstruções mostram como elas expandem gradualmente o *slot* de sujeito, consolidando-se nas redes que cada uma passa a integrar. Nesse processo de mudança, a alta frequência de sujeitos mais abstratos do que *indivíduos* revela que microconstruções aspectuais são mais produtivas do que as polares negativas.

A partir desse resultado, comprovamos que ambas as microconstruções aumentam seu arranjo colocacional do tipo semântico de sujeito, seguindo gradualmente o *cline* de abstratização *indivíduo > estado de coisas > proposição > ato de fala*, o que significa que, nesta hierarquia diacronicamente atestada, quando uma microconstrução passa a admitir um dado tipo semântico de sujeito, todos que se situam mais à esquerda na escala devem também ser admitidos. Ao compararmos as duas microconstruções, notamos que a aspectual é mais abstrata do que a polar negativa, porque admite, com frequência sutilmente maior, sujeitos mais abstratos, como *estado de coisas*, ao longo dos séculos.

Nesse processo de expansão, dada a *construcionalização* gramatical das microconstruções para marcação de aspecto final e de polaridade negativa no português, como mostrado na seção 4.1., atua o mecanismo da neoanálise, que permite que o *slot* de sujeito das microconstruções não se restrinja a referentes de natureza concreta, mas que abarque também referentes mais abstratos. Esse fato sustenta o aumento de produtividade *type*. Na comparação dos resultados das duas microconstruções, devemos admitir que a neoanálise ainda é operante na sincronia atual do português, porque as entidades semânticas *proposição* e *ato de fala* ainda não se rotinizaram nas microconstruções, dada suas baixas produtividade *token*.

4.2.2. Tipos semânticos de V_{inf} .

Por meio do parâmetro *Tipos semânticos de V_{inf}* , investigamos o *slot* aberto das microconstruções, para a verificação da hipótese de que as microconstruções se consolidam na rede do português à medida em que elas passam a admitir mais e mais tipos de V_{inf} . Para tanto, utilizamos a escala de traços semânticos-pragmáticos de verbos de Tavares e Freitag (2010), que dispõem, em uma escala de abstratização, verbos de diferentes classes semânticas, dos mais concretos aos mais abstratos, conforme disposição descendente na Tabela 5, que mostra o comportamento histórico dos tipos de V_{inf} da microconstrução aspectual.

Tabela 5. Frequência de tipos semânticos de V_{inf} da microconstrução aspectual.

V_{inf}	Período	Arcaico			Médio			Moderno			Σ
		XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	
Tipos /Exemplos											
Momentâneo	<i>bater</i>	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1
Ativ. específica	<i>moer</i>	4	7	14	17	15	16	15	16	13	117
Dicendi	<i>dizer</i>	–	24	9	2	4	1	–	2	–	42
Atividade difusa	<i>produzir</i>	–	–	3	5	3	6	6	8	15	46
Estímulo mental	<i>inspirar</i>	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1
Experiência mental	<i>amar</i>	–	–	2	1	3	11	7	7	3	34
Relacional	<i>ter</i> (<i>posse</i>)	–	–	–	–	–	1	2	5	9	17
Existência	<i>existir</i>	–	–	–	–	–	–	5	2	3	10
Estado	<i>ser</i>	–	1	5	10	18	12	27	24	22	119
Σ		4	32	33	35	43	47	62	64	67	387

Os resultados acima mostram que a implementação de uma trajetória escalar de abstratização, a exemplo da temporalmente atestada para os tipos semânticos de sujeito, não é possível de ser alcançada para os tipos semânticos de V_{inf} das microconstruções aspectuais, pelas seguintes razões: (i) ao longo de todo período histórico, cinco classes semânticas de V_{inf} experimentam certa estabilidade, desde a fase arcaica: de *atividade específica*, *dicendi*, de *atividade difusa*, de *experiência mental* e de *estado*; (ii) a variedade de tipos de V_{inf} se amplia sutilmente e se estabiliza apenas no período moderno, com o acréscimo de outros dois tipos: *relacionais* e de *existência*; (iii) verbos *momentâneos*, tipo mais concreto, e de *estímulo mental*, de grau médio de abstração, são singulares e ocorrem somente no último século da fase moderna, compondo, ao final, o quadro geral de tipos de V_{inf} . A comprovação da consolidação da rede dessa microconstrução com base apenas nos tipos semânticos de V_{inf} requer um olhar mais detido no comportamento da frequência com que cada tipo ocorre.

Os tipos de V_{inf} mais abstratos na escala (*de estado* e *de experiência mental*) já ocorrem na fase arcaica, embora com frequência bastante baixa, quando comparados aos tipos mais concretos (*de atividade específica*, *dicendi*, *de atividade difusa*), que, de frequências mais altas, são, de modo geral, relativamente estáveis em todo período. No entanto, o tipo mais abstrato (*de estado*) cresce gradativamente em frequência, nos períodos médio e moderno, superando, ao final, os demais tipos. Somente sob o prisma da frequência de uso e considerando que a rotinização de uma unidade linguística afeta o modo de seu processamento, é possível, então, comprovar a consolidação da microconstrução aspectual, na constatação de que contextos de uso mais abstratos aumentam em frequência, e frequência de uso é tanto resultado quanto força de moldagem do sistema.

Na Tabela 6, seguem os resultados para os tipos de V_{inf} da microconstrução polar negativa.

Tabela 6. Frequência de tipos semânticos de V_{inf} da microconstrução polar negativa.

V_{inf}	Período	Arcaico			Médio			Moderno			Σ
		XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	
Tipos / Exemplos											
Atividade específica	<i>ir</i>	1	9	34	52	37	27	25	16	16	217
Dicendi	<i>falar</i>	2	–	6	4	5	15	5	2	2	41
Atividade difusa	<i>usar</i>	1	1	12	6	8	4	3	10	7	52
Instância	<i>deitar-se</i>	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
Estímulo mental	<i>conformar-se</i>	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1
Evento transitório não intencional	<i>cair</i>	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1
Experiência mental	<i>entender</i>	–	–	1	–	1	2	3	3	3	13
Relacional	<i>causar</i>	–	–	–	1	1	3	1	2	–	8
Existência	<i>ter</i>	–	–	–	–	V	–	1	–	–	1
Estado	<i>ser</i>	–	–	1	2	3	3	–	3	5	16
Σ		5	10	54	65	57	53	38	36	33	351

A partir da Tabela 6, observamos que os dois mesmos grupos de tipos de V_{inf} da microconstrução aspectual contrastam na evolução histórica da microconstrução polar negativa. De um lado, colocam-se os três tipos mais concretos (de *atividade específica*, *dicendi* e de *atividade difusa*), semanticamente estáveis nos três períodos históricos, e de outro, os mais abstratos (de *experiência mental*, *relacional*, *de existência* e *de estado*), de baixa frequência em todo período. Desse último grupo, os *relacionais* emergem na fase média, e os de *existência*, somente na fase moderna, com um único caso no século XIX. Os quatro tipos mais abstratos não seguem um padrão regular de abstratização, visto que são instáveis e de baixa frequência em todo curso da história do português, além do fato de se reduzirem a apenas dois tipos na sincronia atual.

Da comparação dos resultados expostos nas Tabelas 5 e 6, podemos afirmar que, no português moderno, a microconstrução aspectual é mais produtiva, porque reflete a implementação gradativa tanto de tipos de sujeitos quanto de V_{inf} mais abstratos e de natureza mais imperfectiva (*experiência mental*, *relacional*, *existência* e *estado*). Tal expansão colocacional ocorre pela atuação da neoanálise na microconstrução, que expande os *slots* de sujeito e de V_{inf} para tipos mais abstratos, aumentando a frequência de uso desses tipos, como se verifica, nas fases média e moderna, com o caso dos verbos de estado. Essas extensões contextuais promovem a sedimentação do *chunk* para a marcação de aspecto final. A microconstrução negativa é parcialmente produtiva, pois, mesmo ocorrendo com tipos de V_{inf} abstratos, as frequências *token* e *type* são maiores em usos mais concretos, em que V_{inf} é de natureza mais perfectiva (*atividade específica*, *dicendi* e *atividade difusa*), expressando situação projetada, o que nos leva a hipotetizar que a neoanálise ainda não operou completamente nesse *slot*. Assim, enquanto a microconstrução aspectual experimenta efeitos inovadores em virtude de sua maior abstratização, a microconstrução polar negativa conserva suas propriedades históricas em torno da coesão de tipos de V_{inf} mais concretos e mais frequentes.

5. Conclusão

Sob perspectiva teórico-metodológica dos *MBU*, tratamos, neste artigo, de duas microconstruções do português que, diacronicamente, implementam funções procedurais dos domínios de aspecto e de polaridade. Argumentamos que, originado de construções transitivas com o verbo *deixar*, o mesmo padrão construcional [deixar+de+V_{inf.}] passa a servir às funções de marcação de aspecto final e de polaridade negativa, o que se justifica pela relação heterossêmica que as une. Assim, mesmo com a *construcionalização*, as microconstruções preservam o sentido originário de *afastamento*, comprovando que elas surgem via relações com outras construções já existentes na língua.

Em termos das propriedades gerais de construções em rede, argumentamos, por meio de análises qualitativa e quantitativa, que a esquematicidade das microconstruções aspectual e negativa é parcial, por conta das funções procedurais que o verbo *deixar* ajuda a imprimir ao se combinar com diferentes tipos semânticos de verbos que podem ocupar no *slot* aberto em V_{inf.}. Quanto à produtividade, comprovamos que a microconstrução aspectual é mais produtiva do que a polar negativa, pois a primeira expande seu arranjo colocacional de sujeito e de V_{inf.} ao longo das sincronias, enquanto a segunda mantém sua frequência de uso concentrada em torno de tipos mais concretos de V_{inf.} e de sujeito, mesmo possibilitando mais raramente a combinação com tipos mais abstratos. No que se refere à composicionalidade, defendemos que ambas as microconstruções são não composicionais, pois suas subpartes, *deixar*, preposição *de* e V_{inf.}, contribuem para a aferição dos significados de aspecto final e de polaridade negativa.

Mesmo considerando apenas duas microconstruções gramaticais, esta investigação tem alcance explanatório na medida em que seus resultados contribuem para o entendimento e para a elaboração de redes construcionais mais complexas interconectando domínios semânticos diferentes. Por ora, o que podemos assegurar é que a abordagem construcional da mudança linguística se comprova adequada para o tratamento de microconstruções aspectual e polar negativa, o que nos parece suficiente, a princípio, para estender sua adequação também a outros tipos específicos de construções auxiliares da cadeia *TAM*, um campo vasto que requer investigação contínua.

Financiamento: Esta pesquisa conta com apoio financeiro da CAPES (Processo n. 88887.488584/2020-00), para o primeiro autor, e do CNPq (Processo n. 307691/2017-9), para o segundo.

Referências

- Barlow, M., & Kemmer, S. (Eds.). (2000). *Usage-based models of language*. Stanford, CA: CSLI.
- Barðdal, J. (2008). *Productivity: Evidence from case and argument structure in Icelandic*. Amsterdam: John Benjamins.
- Bybee, J. (2016). *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez.
- Camacho, R. G., Dall’Aglio-Hattner, M., & Gonçalves, S. (2014). O substantivo. In R. Ilari (Ed.), *Palavras de classe aberta* (pp. 13–56). São Paulo: Contexto.

- Castilho, A. T. (2002). Aspecto verbal no português falado. In M. B. Abaurre & A. C. S. Rodrigues (Eds.), *Gramática do português falado* (Vol. 8., pp. 83–121). Campinas: Editora da Unicamp.
- Comrie, B. (1976). *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, A. G. (2014). *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval* (Ed. rev.). Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa.
- Cunha, L. F. (2013). Aspecto. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 585–616). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Davies, M., & Ferreira, M. (2006). *Corpus do português* (45 milhões de palavras, 1300s-1900s). Consultado em <http://www.corpusdoportugues.org>
- Davies, M., & Ferreira, M. (2016). *Corpus do português* (1 bilhão de palavras, Web/Dialetos). Consultado em maio 2020 <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>
- Ferreiro, M. (2014). *Glosario da poesía medieval profana galego-portuguesa*. Coruña: Universidade da Coruña. Consultado em <http://glossa.gal>
- Gaffiot, F. (1934). *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette.
- Givón, T. (2001). *Syntax: An introduction* (Vols, 1–2). Amsterdam: John Benjamins.
- Givón, T. (2018). *On understanding grammar*. Amsterdam: John Benjamins.
- Goldberg, A. E. (1995). *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- Goldberg, A. E. (2006). *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- Heine, B. (1993). *Auxiliaries: Cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press.
- Karttunen, L. (1971). Implicative verbs. *Language*, 47(2), 340–358. <https://doi.org/10.2307/412084>
- Langacker, R. W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, R. W. (2008). *Cognitive grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press.
- Langacker, R. W. (2013). *Essentials of cognitive grammar*. New York: Oxford University Press.
- Lichtenberk, F. (1991). Semantic change and heterosemy in grammaticalization. *Language*, 67, 475–509. <https://doi.org/10.2307/415035>
- Lobato, L. (1975). Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliabilidade. In L. Lobato *et al.* (Eds.), *Análises linguísticas* (pp. 27–91). Petrópolis: Vozes.
- Peres, J. (2013). Negação. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 461–498). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Prezotto Júnior, J. R. (2020). *As microconstruções auxiliares com "deixar" e "parar" no português na expressão de aspecto final* (Dissertação de mestrado, UNESP, São Paulo, Brasil).
- Prezotto Júnior, J. R., & Souza, E. R. F. (2019). As microconstruções do verbo-suporte com deixar no português brasileiro. *Diadorim*, 21(2), 188–213.
- Raposo, E. (2013). Verbos auxiliares. In E. Raposo *et al.* (Eds.), *Gramática do Português* (Vol. 2, pp. 1221–1281). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soares da Silva, A. (1999). *A Semântica de deixar. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soares da Silva, A. (2011). (Inter)Subjectificação na linguagem e na mente. *Revista Portuguesa de Humanidades - Estudos Linguísticos*, 15(1), 93–110.
- Tavares, M. A., & Freitag, R. (2010). Do concreto ao abstrato: Influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, 6(1), 103–119. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2010.v6n1a4442>
- Traugott, E. C., & Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.

- Travaglia, L. C. (2014). *O aspecto verbal no português: A categoria e sua expressão* (5.^a ed.). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- Xavier, M. F., Vicente, G., & Crispim, M. L. (Eds.) (2003). *Dicionário de verbos portugueses dos séculos 12 e 13/14*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Consultado em <http://cipm.fcsh.unl.pt>

[recebido em 27 de outubro de 2020 e aceite para publicação em 17 de fevereiro de 2021]